



Uma Magna Carta para Portugal

Tenho suficientes anos de vida pública para ter aprendido uma lição. Das que não se aprendem nos bancos da universidade.

Na política nunca ‘somos’ alguma coisa. Para ser exato, porque tudo na política é mais ou menos passageiro no exercício democrático, bem entendido, ‘estamos’ sempre alguma coisa. Quiseram os eleitores que eu ‘esteja’ presidente de Câmara de Cascais há quatro anos e uns meses. Tempo mais do que suficiente para se instituírem algumas tradições saudáveis. Como, por exemplo, estar no Estoril Political Forum, no Hotel Palácio, a cada mês de junho.

É a quinta vez que estou na companhia desta grande família euro-atlântica do IEP. Ousarei até dizer mais: a família euro-atlântica-cascalense do IEP. Foi nisso que nos tornamos nos



POR
Carlos Carreiras

Presidente da Câmara Municipal de Cascais

últimos anos. Deixámos apenas de ser bons amigos. Passámos a ser família. O que aliás é notório no primeiro nome do Political Forum: Estoril.

Acredito, e o Professor Espada irá corrigir-me se estiver errado, que nada disto não aconteceu por acaso.

Ao longo dos últimos anos, eu e minha equipa na Câmara de Cascais temos trabalhado com o Professor Espada para aprofundar uma relação entre

o IEP e Cascais que faz todo o sentido. Porque é natural.

É natural porque partilhamos o valor da liberdade, da tolerância, do civismo e do pluralismo. E isso é verdade nas salas de aula do Instituto como nas ruas deste concelho que se construiu sobre a diversidade representada por todos aqueles que, fugindo de uma Europa de escuridão, em Cascais encontraram uma cidadela de paz. É natural porque temos um compromisso com as ideias e com o rigor. Nenhum de nós embarca em modas passageiras ou em atalhos que auguram facilitismos. É natural porque tanto o IEP como Cascais, cada um à sua maneira, têm tentado conquistar o seu lugar no mundo. O IEP com a ambição de ser um dos melhores e mais exigentes lugares para se estudar.

Cascais com a ambição de ser um dos melhores lugares para viver um dia, uma semana ou uma vida inteira. A entrada do IEP como parceiro académico nas Conferências do Estoril, para além da continuada e entusiasta presença de Cascais neste Fórum, é apenas uma prova de como temos descoberto terreno para prosperar. Faltará apenas fecharmos um dossier antigo e nem sempre fácil: a criação do polo universitário do IEP em Cascais. Tenho a convicção de que, mais cedo ou mais tarde, lá chegaremos. Porque faz sentido e porque é o passo natural. Minhas senhoras e meus senhores, Cascais e o Estoril têm-se posicionado como marcas de referência na oferta de fóruns de discussão global.

Lembro apenas que a 'Economist' fez de Cascais o palco das duas importantes conferências em 2015. Ou que a CPLP inicia hoje, até 25 de junho, uma Conferência de Energia que reúne decisores políticos, ao mais alto nível, do espaço lusófono. Ou que as Conferências do Estoril, que tiveram lugar aqui bem perto no passado mês de maio, são um ponto de passagem para muitos dos mais brilhantes homens das ideias. Ou ainda, que este Estoril Political Forum é já uma instituição no panorama académico nacional e internacional, como se prova pelo número de alunos e professores estrangeiros a quem aproveito para enviar uma saudação especial.

Este ano, o que junta a comunidade IEP são os 800 anos da Magna Carta, comemorados na passada segunda-feira.

Cascais tem tido, historicamente, uma forte presença britânica. No século XIX, a Companhia do Cabo Submarino – que viria a ligar Portugal ao mundo – foi instalada pelos britânicos em Carcavelos. Isso explica algumas curiosidades históricas: o primeiro jogo de futebol em Portugal foi disputado no campo da Parada (naturalmente uma importação britânica); e o primeiro jogo de Ténis do país, desporto dado a conhecer aos portugueses através dos ingleses de Cascais, também foi aqui disputado.

Quanto à Magna Carta, e porque há nesta sala quem domine o tema, farei apenas duas considerações. A primeira consideração tem que ver com o poder revolucionário do documento. Como notou recentemente Daniel Hannan, a Magna Carta não inventou a democracia (foram os gregos que o fizeram). Também não inventou um código legal (os sumé-

rios fizeram-no). O que a Magna Carta fez de revolucionário foi ter criado a forma de governo constitucional. Pela primeira vez na história, a Lei, e não o poder arbitrário, passou a ser o governo dos Homens. Como notam alguns historiadores, os autores da Magna Carta escolheram um nome mais em função do tamanho do escrito e menos por terem que o texto vivesse para a posteridade – o que manifestamente viria a acontecer. A segunda consideração prende-se literalmente com as minhas funções como Presidente de Câmara. Eu acredito que, salvaguardando as devidas distâncias históricas e políticas, precisamos em Portugal de alguma iniciativa que partilhe o espírito da Magna Carta para o poder local. Uma magna carta que descentralize para as localidades competências que não têm que estar centralizadas. Que aniquile a burocracia e a falta de competitividade endémica. Uma magna carta que liberte os cidadãos e as cidades do poder arbitrário dos governos centrais. Que dê garantias de que a Lei é mesmo igual para todos. Que crie uma sociedade grande em substituição do governo grande. Uma magna carta que proteja os cidadãos e as empresas do abuso fiscal. Em resumo, uma Magna Carta que reflita a ambição de um país liberto de vícios, onde cada homem é dono do seu próprio destino, dentro dos limites impostos pela Lei.

Portugal tem uma tradição de governos altamente centralizadores. Mas não quero, não devo e não posso, ser injusto. O atual primeiro-ministro foi o primeiro chefe de governo a abrir mão dos poderes do Estado Central. Com um abrangente plano descentralizador, ao qual Cascais respondeu estando na primeira linha da descentralização de competências na saúde, educação, segurança social e património, este foi o primeiro Governo a reverter a marcha inexorável do centralismo. É um bom princípio, mas isso não faz dele um princípio suficiente. É preciso acabar o trabalho. E é nosso dever exigi-lo aos candidatos que se apresentam a eleições num período muito sensível do país e da Europa.

Minhas senhoras e meus senhores, Termino por onde devia ter começado. Quero que saibam que temos muito gosto em receber-vos e que são todos muito bemvidos ao Estoril e a Cascais. Façam sempre da nossa casa, a vossa casa. Obrigado. ■



Precisamos em Portugal de alguma iniciativa que partilhe o espírito da Magna Carta para o poder local

